

Parte 1

Recorte histórico: do Imperial Instituto dos Meninos Cegos ao Instituto Benjamin Constant

Paulo Felicíssimo Ferreira

DESCRIÇÃO DOS PRÉDIOS OCUPADOS PELO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Este documento apresenta relatórios detalhados, aqui parcialmente transcritos, sobre os prédios já ocupados pelo Instituto, incluindo o atual na Av. Pasteur, não se havendo, infelizmente, encontrado fotos do primeiro deles (indicado no mapa ao lado).



PRÉDIO DA GAMBOA

(Fonte: Arquivo Nacional - IE52 - 1853 - doc 016)

Exmo Sr.

Temos a honra de participar a V. Exa., cumprindo as ordens suas, fomos visitar a casa sita no Morro da Saúde do lado da Gamboa, a qual outrora pertenceu à família Faro e que se acha hoje em poder do Sr. Ferreira e irmãos.

A casa, colocada sobre a fralda do morro em um ponto bastante elevado é bem arejada pelo vento terral e pelo noroeste, recebe a viração e fica protegida pelo morro contra as tempestades do sudoeste. A sua distribuição interna abrange uma larga superfície repartida em 8 salas, 1 oratório, 4 grandes salas e 1 comprida varanda ou sala de jantar.

Demais, contém no fundo encostado quase no morro por onde as águas vertentes se esgotam todos os cômodos para cozinha, despensa, sala de banho etc. Na parte de acima, o sótão é rodeado de pequenos quartos, lugar que pode muito bem servir para uma enfermaria.

V. Exa., havendo nos dito que era preciso escolher uma casa que fosse capaz de acomodar 30 alunos, julgamos que a casa do Sr. Ferreira preenche o fim desejado e que demais ela não poderá proporcionar decentes acomodações ao diretor e alguns mestres e empregados.

Dois jardins complantados de árvores cercam o edifício de ambos os lados e concorrem para a sua salubridade. Todas as salas estão no mesmo pavimento, condição muito vantajosa para os alunos.

Além dos jardins, existe um espaçoso triângulo de terra coberto de relva o qual forma dois compridos passeios, lugar sadio que domina o mar, ao qual se desce por escada reservada para tomar banhos. Este lugar é protegido pela sua altura do contato de qualquer morador vizinho, das pesquisas dos curiosos, sendo fechada em toda sua extensão por grades de ferro, assim como as outras partes da chácara que fazem frente à rua da Gamboa. A casa é provida d'água e, do lado esquerdo, existe a cavaliariça da qual poder-se-á tirar partido mais tarde no caso de construir uma oficina de torneiro ou de qualquer profissão manual. O acesso da casa que dispensa de conserto o bom estado das paredes, o bom estado do asfalto das salas que preservam da umidade, são condições, como V. Exa. bem sabe, muito vantajosas para a formação de um estabelecimento público.

À vista do que acabamos de referir, julgamos que a casa serve para a projetada instituição dos jovens cegos e apressamo-nos a levar ao conhecimento ilustrado de V. Exa. este nosso parecer, deixando ao arbítrio de V. Exa. decidir como for conveniente.

*Ilmo e Exmo Sr. conselheiro
Luis Pedreira do Couto Ferraz
Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1853.
Dr. Sigaud e J. A. de Azevedo.*

(Fonte: O Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades. V.II. Moreira de Azevedo.

3a. edição. Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1969. Coleção Vieira Fazenda XIII.)

(...) Em 17 de setembro de 1854, inaugurou-se o Instituto dos Cegos na chácara nº 3 do Morro da Saúde, próximo à Praia do Lazareto, assistindo ao ato as pessoas imperiais, o Ministro do Império, o Diretor, o vice-diretor e numeroso concurso de espectadores de ambos os sexos; nesse dia a árvore da caridade reverdeceu, e deu os mais sazonados frutos na Terra de Santa Cruz.

**Informações sobre a casa
onde está o Instituto.**

**(Fonte: Arquivo Nacional, IE52 - 1857,
doc. 046 I)**

A casa pertence à viúva Ferreira e filho e está alugada pela quantia de 2:000\$000, pagos por trimestres e por um contrato de 3 anos feito por autorização do Governo pelo falecido 1º diretor, cujo contrato findará amanhã.

É muito bem situada na elevação de uma colina, lavada pelos ventos alísios, cercada por uma pequena chácara com árvores e flores, tendo todas as proporções para o passeio e o exercício ginásticos dos meninos, junto do mar onde eles se recreiam e tomam banhos sagados, aliás bons para a saúde.

O lugar é livre de tumulto da cidade e, ao mesmo tempo, não muito distante dela.

A casa tem por fora proporções para o estabelecimento conquanto alguns mais fossem necessários, mas sua péssima construção desfaz todas as vantagens de seus cômodos e boa localização e a tornam insalubre.

Sentada sobre um plano inclinado, é assobradada na frente e térrea nos fundos. Construíram-na encostada quase imediatamente à montanha que lhe fica superior, sem vala nem espaço para abri-la, a fim de dar ao esgoto as águas que vertem da mesma montanha. Resultou desta má construção que elas encharcam em torno do edifício e o fazem úmido, e julgarão remediar este inconveniente tirando o soalho de madeira que tinha e fazendo-se um grande e custoso terraplano que asphaltaram. Reconstruído por tal modo todo o pavimento do edifício, o defeito que pretenderam corrigir tornou-se maior, acumulada a água e encharcada no terraplano, penetra as paredes, umedece-as e filtra-se através delas. Tem decomposto a camada do asfalto em alguns pontos e por eles mina. Fechando-se as portas, sente-se cheiro de terra e água podre, o bolor está por toda parte do interior, as pinturas e os papéis se têm desgrudado e o cupim, que de toda a casa se apodera, estraga o amadeiramento que sustenta o telhado e os forros, tornando-a carecida já de um grande e pronto conserto. O pavimento de asfalto só é próprio para soalho de armazéns ou de ruas ainda no tempo do estio e suportável, mas no inverno é de uma frieza incômoda e maléfica. Semelhante construção faz do edifício insalubre e tanto o reconhece o meu antecessor "ultimamente" cuja moléstia fora, sem dúvida, agravada em tal habitação que pouco antes do seu falecimento fazia todos os esforços para a mudança do estabelecimento.

Acrescente-se aos inconvenientes de tal habitação não ter água de beber. A da Carioca é trazida em barris no que se gasta 18\$000 mensais. Só se poderia ter água de beber fazendo um depósito dela embaixo junto ao portão e transportando-a dali por uma bomba. Há um pequeno depósito d'água de chuva para regar as plantas ????. Descobertos como estão, saem deles miríadas de mosquitos que neles nascem e que nos atormentam dia e noite.

Nas acomodações, falta lugar para uma enfermaria e nunca tem privadas, de modo que certos serviços são feitos nos dormitórios, o que, apesar do emprego de grande cuidado em manter-se o asseio, não é possível conservá-lo como convém.

Sua Ex^a, o Ministro do Império, ordenou-me que visse com toda urgência outra casa para mudar-se este Instituto, autorizando-me a ajustá-la por um aluguel de mais 400 a 600\$000 do que se paga atualmente. Os elevados preços por que se acham os aluguéis de prédios são tais que julgo impossível poder-se encontrar algum com as acomodações necessárias por menos de 3:000\$000 e, se estiver mais arredado da cidade do que este, será preciso marcar ao menos 1\$000 por cada dia de lição a cada um dos professores, pagando-se assim seu transporte em gôndolas ou ônibus. Julgando mesmo poder-se aceder a este aumento de despesa, não tenho encontrado ainda casa alguma apropriada.

Acho algumas que não se alugam, mas vendem-se como a da viúva de João Bonifácio em Mata Cavallo e muito melhor ainda com tão grande extensão de terreno se pode servir para estenderem-se as proporções de um estabelecimento desta natureza para o futuro, a casa de saúde do Dr. Peixoto em Botafogo. Esta mesma em que estamos que, com os precisos concertos ficaria excelente, talvez se venda por se acharem os bens de que faz parte atualmente em partilhas e talvez que não seja cara.

São estas as informações que a respeito desta casa e do projeto de mudança nela posso até agora fornecer ao Governo.

*Imperial Instituto dos Meninos Cegos
30 de janeiro de 1857
Dr. Claudio Luiz da Costa, diretor*

PRÉDIO DA ACLAMAÇÃO

(Fonte: O Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades. V.II. Moreira de Azevedo. 3a. edição. Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1969. Coleção Vieira Fazenda XIII.)



os Cegos estabelecido no prédio n. 17 situado na face meridional da
n essa casa, despida de toda arquitetura, dois pavimentos com três
s arredondados no primeiro pavimento, e nove janelas com sacadas
gundo.

ento, a sala do refeitório dos alunos, que também serve de sala de
tudo para alunos de menor idade, uma pequena enfermaria, dois
a rouparia, sala do engomado, despensa, a sala da oficina de enca-
uernação (unue esta a biblioteca que conta 400 volumes), a da oficina tipográfica (a qual
também serve de aula de música de sopro), a da oficina de afinação de piano; e um salão de
aulas onde vê-se o retrato de José Alvares de Azevedo com esta inscrição:

*"José Alvares de Azevedo, natural desta Corte, cego, falecido a 17 de março de 1854 com
19 anos de idade. Primeiro que no Brasil mostrou o sistema de instruir cegos."*

A oficina de afinação de piano tem por mestre João Brasiel Madeira, ex-aluno do Instituto,
casado e que da afinação de pianos por casas particulares sustenta sua mulher e dois filhos.

Vêem-se no segundo pavimento do edifício a sala de entrada onde estão os retratos dos
Marqueses de Olinda, de Abrantes e do Visconde do Bom Retiro, e o busto em mármore do
Dr. Francisco Sigaud; lendo-se no pedestal, também de mármore, o seguinte: *"J. F. X. Sigaud
Colaborador de J. A. D'Azevedo na Fundação do Instituto dos Meninos Cegos e Primeiro
Diretor do Mesmo Instituto"*.

Dá essa sala entrada para a capela consagrada a S. Rafael, padroeiro dos cegos, o qual é
festejado em 24 de novembro de cada ano, celebrando-se nesse dia uma missa por alma dos
benfeitores do Instituto e outra no aniversário do falecimento de cada um.

Há, na sala da secretaria, onde está o retrato do Dr. Claudio Luiz da Costa, o salão das
visitas, com os retratos do Imperador e da Imperatriz, que serve também de aula de música
para alunos e alunas, o refeitório das alunas, sala de estudo, uma pequena enfermaria, aula
de música das alunas, lavatório, quarto da inspetora, dormitório das alunas e três quartos
para aposentos do diretor e sua família.

Há, no terceiro pavimento, em um sótão do prédio, o quarto do inspetor, os dormitórios
dos alunos, sendo um para os menores, outro para os médios, e outro para os maiores.

Não tem esta casa cômodos suficientes e apropriados, nem condições higiênicas; os dor-
mitórios são pequenos e estreitos; são úmidas e mal ventiladas todas as divisões do primeiro
pavimento; a enfermaria dos alunos é um quarto pequeno, úmido, escuro e quase sem ar;
não há salas suficientes para as aulas; as oficinas tipográficas e de encadernação estão en-
taipadas em pequenas salas, escuras e tão úmidas que os papéis e os livros estragam-se
muito depressa; não há espaço para recreio e exercícios ginásticos; a enfermaria das alunas
é um pequeno quarto, e o diretor não tem cômodos decentes e separados, vive encerrado
com sua família em três pequenos quartos. Mas, se este edifício está longe de satisfazer às
condições desejáveis de uma casa de educação desta natureza, já o Governo acudiu, como
vimos, com louvável empenho a esta necessidade, dando princípio a um palácio destinado à
instrução e à educação dos meninos cegos.

PRÉDIO DA AV. PASTEUR

(Fonte: O Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades. V.II. Moreira de Azevedo. 3a. edição. Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1969. Coleção Vieira Fazenda XIII.)



(...)Tendo o Governo resolvido construir um edifício apropriado e de grande dimensão para moradia e ensino dos meninos cegos de ambos os sexos, o Imperador D. Pedro II tornou-se o primeiro benfeitor oferecendo o terreno para a edificação. Eis o decreto da doação feita pelo piedoso e ilustrado príncipe:

"Hei por bem autorizar a Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, do meu Conselho, Mordomo de Minha Imperial Casa, para mandar lavrar, com as formalidades legais, escritura da doação que faço ao Imperial Instituto dos Meninos Cegos de um terreno, contíguo ao Hospício de Pedro II na Praia Vermelha, com cem braças de frente e os fundos que deverão ser medidos e demarcados, o qual me pertence por oferta que aceitei de José Ribeiro Monteiro, quando o houve por compra feita em 9 de setembro de 1846, a D. Jacinta Rosa de Castro.

Palácio da Boa Vista, em 14 de maio de 1872, quinquagésimo primeiro da Independência e do Império. Com a rubrica de S. Majestade o Imperador. Nicolau Nogueira Vale da Gama."

Encarregado de dar a planta dos compartimentos e divisão do edifício, apresentou o Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães seu trabalho ao Ministro do Império que aprovou-o por Aviso de 22 de maio de 1872; ao arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva incumbiu o Governo do desenho da construção.

Em 7 de junho, autorizou o Ministro do Império o lançamento da pedra fundamental do novo edifício, cerimônia que executou-se em presença da Família Imperial, do Ministro, Comissário do Governo, Diretor e professores do Instituto e muitas pessoas de distinção.

Armara-se no lugar um pavilhão, postando-se em frente uma guarda de honra do Batalhão de Engenheiros. Principiou o ato pela distribuição dos prêmios aos alunos do Instituto, entregando-os o Imperador aos alunos, e a Imperatriz às alunas; tocou a banda de música dos meninos cegos o Hino Nacional, e uma overture; seguiram-se diversas peças de música e cantorias compostas e executadas pelos cegos, e um discurso recitado pelo Diretor e outro pela aluna Elisa Pinto de Miranda.

Terminada a distribuição dos prêmios, benzeu o capelão do Instituto a pedra fundamental que, colocada em uma padiola, foi conduzida ao lugar destinado pelo Imperador, pelo Príncipe Conde d'Eu, pelo Ministro do Império e o Comissário do Governo; o capelão espargiu a água da Igreja sobre o terreno, e encerrada a pedra lançaram-lhe as primeiras colheres de cimento o Imperador e o Príncipe.

A colher de prata, que serviu nesta cerimônia, tinha a seguinte inscrição: "*29 de junho de 1872 Sua Majestade Imperial D. Pedro II colocou a primeira pedra do edifício destinado ao Imperial Instituto dos Meninos Cegos*".

(...) Erguido na Praia da Saudade, deve este edifício, que já se acha em adiantada construção, ocupar uma superfície de 9.516 m quadrados, tornando-o um dos mais belos monumentos as colunas jônicas colossais do pórtico, as estátuas de mármore, a majestosa ornamentação e o aspecto elegante e imponente da frontaria⁽¹⁾.

Perpetuará essa grandiosa construção os nomes do Diretor do Instituto e do Ministro que lançaram a primeira pedra, do arquiteto, e o de D. Pedro II que concedeu o terreno para esse magnífico palácio, que, dando asilo a 800 alunos de ambos os sexos, poderá competir com as melhores casas de educação dos cegos que existem; será um belo ornamento da Capital do Império, um templo enriquecido dos primores d'arte, e régio e pomposo asilo da caridade.

NOTA:

(1) Demorada foi a construção do edifício do Instituto dos Meninos Cegos. Somente em 20/09/1896 inaugurou-se metade da nova sede, com alojamento capaz de abrigar 200 alunos.

Referência do mapa: retirado do livro Rio de Janeiro Ontem e Hoje 2. Alberto A. Cohen e Sergio A. Fridman. Fotografia de Ricardo Siqueira. Prefeitura da Cidade do Rio. Secretaria das Culturas - RIOARTE, 2003. RJ.
Demais fotografias: acervo do IBC.



adaptado por D. Pedro II. Acervo do Museu do IBC